

A FORMAÇÃO DE SUJEITOS NAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Arisnaldo Adriano da Cunha, Andrea Brandão Lapa

Abstract: Critical training can be guided by attitudes such as authorship and cooperation promoted by social networks and creative projects mediated by the teacher, as a proposal for overcoming of the pedagogy of transmission. This article presents a research model created to analyze how social networks can contribute to critical education. It consists on a qualitative research methodology that aims to analyze categories brought from the theoretical framework, such as authoring and cooperation. The research design demonstrates the selection and definition of indicators and metrics for the identification of such categories in a content analysis of the communicative exchanges between students and teachers in a group created in Facebook. The results show that use social networks, conserving the logical contents and repeating textbook models, reducing the student participation just I looking, listening, coping and doing, will no form critical citizens immersed in digital culture.

Keywords: Authorship, Cooperation, Qualitative Research, Social Network.

Resumo: A formação crítica pode estar pautada em atitudes como autoria e cooperação fomentadas pelas redes sociais e projetos criativos mediados pelo professor, como proposta para superação da pedagogia da transmissão. Este artigo apresenta um modelo de investigação que permite analisar como as redes sociais podem contribuir para a formação crítica. Consiste em uma metodologia qualitativa de pesquisa cuja finalidade é selecionar e definir indicadores de investigação para os conceitos de autoria e cooperação a partir do referencial teórico, e desenvolve métricas para a análise de conteúdo das trocas comunicativas entre alunos e professores no grupo fechado criado no Facebook. Os resultados apontam que utilizar redes sociais conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, reduzindo o aluno a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, não dará conta de formar sujeitos críticos imersos na cultura digital.

Palavras-chave: Autoria, Cooperação, Metodologia Qualitativa, Rede Social.

Resumen: La formación crítica puede estar marcada en actitudes como autoría y cooperación, que son fomentadas por las redes sociales y por proyectos creativos dirigidos por el profesor, como una propuesta para superar la pedagogía de la transmisión. Este trabajo presenta un modelo de investigación que permite analizar como las redes sociales pueden llegar a contribuir para la formación crítica. En general, radica en una metodología cualitativa de investigación, cuya finalidad es seleccionar y definir indicadores para los conceptos de autoría y cooperación a partir de una referencia teórica, y al mismo tiempo desarrolla métricas para el análisis de contenidos de los diversos intercambios de comentarios entre estudiantes y profesores en un grupo cerrado del Facebook. Los resultados apuntan que utilizar redes sociales conservando la lógica de contenidos y de reproducciones del libro didáctico, limitando al estudiante a mirar, escuchar, copiar y entregar resultados, no es suficiente para formar individuos críticos inmersos en una cultura digital.

Palabras-clave: Autoría, Cooperación, Metodología Cualitativa, Red Social.



INTRODUÇÃO

A cultura digital coloca muitos desafios para a educação. Antes de tratar ambos como campos em disputa, a proposta deste estudo é buscar as sinergias oriundas da sua integração. Começa por reconhecer a contribuição da *Web* para o (re)nascimento do sujeito engajado, conforme Rojo (2013), um coautor, com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover o seu protagonismo.

E também, por reconhecer o importante papel do campo educacional, ainda resistente à integração de TIC na escola, nas referências de uma apropriação crítica destas tecnologias através da experimentação de novas metodologias nas práticas pedagógicas cotidianas de professores e alunos.

Acontecimentos como “Primavera Árabe”, movimento “Vem pra Rua” em 2013, e a recente ocupação das escolas de São Paulo por estudantes, nos fazem pensar no protagonismo possibilitado pelas redes sociais virtuais, utilizadas para o debate democrático e também para a aprendizagem. Nesta perspectiva, Mendes Junior (2010) entende que o contexto da comunicação digital pode catalisar e potencializar estas mudanças, provocando os indivíduos na direção de se tornarem sujeitos autores, que são capazes de agir para transformar seu contexto social. A novidade está para Castells (2003), em algumas circunstâncias inéditas, tal como o papel de emissor agregado ao de receptor ou a auto-comunicação de massa que desestabiliza relações de poder.

Neste sentido, o principal desafio que se apresenta à escola é superar o modelo tradicional de transmissão de conteúdos e descobrir brechas de possibilidades para subverter o molde de reprodução. Defendemos que a integração de tecnologias digitais de informação e comunicação na escola apresenta-se como uma oportunidade, por catalisar uma reflexão das práticas escolares e mesmo do sentido da educação e o papel da escola na cultura digital.

Diante deste cenário, da possibilidade de criação de espaços de formação de sujeitos para a transformação social, problematizamos como as redes sociais podem contribuir para a formação crítica e uma educação emancipadora no contexto escolar formal e presencial? O objetivo principal deste trabalho é identificar existência de autoria e cooperação como contributo das redes sociais para a formação crítica dos estudantes e apresentar fatores e circunstâncias que potencializaram ou dificultaram a sua ocorrência.

Apresentamos neste artigo um modelo de investigação que permitiu identificar e analisar a autoria e cooperação em práticas pedagógicas nas redes sociais. Trata-se de um desenho de pesquisa que selecionou algumas variáveis analíticas a partir de conceitos oriundos do aporte teórico da pesquisa, e elaborou indicadores e métricas de observação das trocas discursivas dadas em um grupo fechado criado no Facebook. O objeto empírico desta investigação foi a intervenção pedagógica realizada no 3º ano do ensino médio da escola estadual Bertino Silva do município de Leoberto Leal, Santa Catarina, Brasil.

AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO CRÍTICA NA WEB

Mostrar-se nas redes sociais pode ser forma de emancipação com a possibilidade de desenvolvimento de reflexão política, mas também de homologação e alienação, por provocar distração concentrada, atenção superficial e a seminformação. Para Zuin (2013) na sociedade da chamada 'revolução microeletrônica', torna-se cada vez mais difícil fazer com que sobreviva a formação cultural compreendida como condição de sensibilização histórico-crítica do indivíduo. Prevalecendo a releitura de Adorno, a semiformação se refere a uma falsa formação porque produz a acomodação destes sujeitos à situação de dominação a que estão submetidos. No contexto escolar, por exemplo, acontece quando o aluno ao encontrar as informações sobre certo assunto copia-as e imprime-as na forma de um trabalho escrito que será entregue ao professor, sem que se sinta estimulado a pensar e a opinar sobre a bricolagem que fez (Zuin, 2013).

Portanto, uma formação pode ser considerada crítica, segundo Freire (1980), quando for dialógica e problematizadora, difundida em qualquer contexto educativo, inclusive hoje na cultura digital. Esta formação deve ir além da reflexão crítica, para uma ação política através de um projeto emancipatório que possibilite transformação.

Destacamos que a formação deve estar embasada em condições de autonomia, liberdade e a emancipação dos indivíduos (Zuin, 2013), pautada na autoria e fundamentada na mídia-educação, Belloni (2001), Fantin e Rivoltella (2010). E na via cibercriticista, para Rüdiger (2011), com a possibilidade de uma apropriação crítica e criativa das TIC, fundamentada na teoria crítica da escola de Frankfurt que permanece atual no sentido de denunciar a possibilidade de alienação que todos estão sujeitos ao participarem dessa nova ordem. Nesta perspectiva, formar para uma leitura crítica não é mais suficiente. É preciso formar para uma autoria responsável, ou seja, refletir colaborativamente sobre o que foi produzido. Mas como a internet, especificamente as redes sociais potencializam a formação crítica?

A internet transforma o modo como nos comunicamos, o que provoca impactos sobre diversas esferas da vida humana por construir um novo padrão da interação social. O que acontece nesta virtualidade faz parte inevitável de nossas vidas, quer estejamos ou não conectados e incluídos nela (Castells, 2013). Isto significa que *on-line* e *off-line* se complementam e que atuamos em espaços híbridos. Esta realidade não está distante da educação. Tanto as escolas não precisam estar afastadas daquilo que acontece nas redes sociais, como a ação política engendrada nestes espaços sociais podem contribuir para a formação crítica de sujeitos, podendo também estar presentes em uma educação que vise a emancipação. De modo que as redes sociais não são opostas à sala de aula, porque a aprendizagem acontecerá de maneira híbrida também, em uma complementariedade de ambos espaços vividos por professores e alunos.

Uma primeira contribuição desta aproximação pode ser pensada através da integração das tecnologias digitais nas habituais práticas de ensino, potencializando mudanças nas formas de comunicação e metodologias de aprendizagem na sala de aula. Neste caso, amplia-se o acesso a várias fontes de pesquisa, informações a materiais multimídia. Mas salientamos uma contribuição pouco considerada na escola, que é o potencial das redes sociais possibilitarem ao aluno sair da condição de ouvinte para de emissor, sujeito e autor. Neste sentido, as redes sociais como um espaço público de comunicação pode ter muito a ensinar à

escola, a partir das interações sociais que acolhe e engendra tornando-se um espaço público educador difícil de ser ignorado.

A integração das redes sociais no ensino apresenta muitos desafios. Defendemos como Moran (2007) a importância da mediação crítica do professor, que ajudará a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados, a tirar conclusões, habilidades imprescindíveis diante do acesso diversificado às informações sobre os fenômenos do mundo. Estamos afirmando, segundo Morin (2010), que uma formação crítica vai além de acumular saberes, mas passa por uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido. Esta formação acontece em contextos sociais onde os professores tem um papel importante a desempenhar, que obviamente não está restrito ao acesso aos conhecimentos, mas na formação para a ética, cidadania e discernimento capaz de conferir autonomia e protagonismo aos sujeitos.

O grande desafio seria, agora, fazer uso das tecnologias dentro de uma mentalidade questionadora e crítica. Uma pedagogia nesta direção para Rojo e Moura (2012), seria uma possibilidade prática de que os alunos entendam como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam, sejam analistas críticos na recepção, estejam aptos à produção e capazes de usar o que foi aprendido de novos modos, de tal maneira que se transformem em criadores de sentidos. A questão que se coloca é como as redes sociais potencializam a autoria e a cooperação e qual a sua relação com a formação crítica?

Sem parecer pretensiosos, buscamos pensar uma educação de qualidade na Web 2.0 que permite integração e protagonismo, para além de desenvolver a capacidade de ler e escrever, repetindo e reproduzindo conteúdos. Mas, desenvolver competências e saberes para mudar o aluno da condição de ouvinte para sujeito.

AUTORIA E COOPERAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA DIGITAL

Partimos do entendimento que a autoria é construída em rede como uma forma coletiva e criativa de construir conhecimento em que professor e aluno são autores e coautores no processo de aprendizagem na medida em que se reconhecem como ser autor e que valorizam o outro como copartícipe do processo.

Entendemos que para superação da semiformação apresentado por Zuin (2013), é necessário que estudantes e professores tenham uma formação crítica dialógica e problematizadora, preconizada por Freire (1980), que vai além da memorização de fórmulas, datas e nomes que muito rapidamente serão esquecidos. Com este objetivo a autoria e a cooperação são fatores importantes para a uma educação crítica e de qualidade: Porque sujeitos não devem reproduzir conteúdos, conhecimento, mas aprender a pensar para formar seu entendimento; Quando questiona, problematiza, contextualiza relacionando informações, despertando interesses pelos fatos vivenciados pelos alunos; Quando constrói suas próprias ideias com argumentação, e reformulam-nas a partir das ideias dos outros; No aprender fazendo com os outros, dividindo tarefas com objetivos comuns; Na imersão digital,

portabilidade e mobilidade possibilitando circunstâncias de promoção do sujeito como agente de transformação de sua história, não mero espectador; Na mediação crítica e criativa dos professores.

A autoria para Jenkins, Green e Ford (2014), estaria na ação do público não ser mais visto como mero consumidor de mensagens preconcebidas e sim como agente criador de valor e significado, pois ele escolhe, compartilha, reconfigura e remixa conteúdos de mídia. O aluno que tem autoria demonstra saber participar, compartilhar, modificar, construir, aumentar; agir e interferir no programa e/ ou conteúdo. Para Silva (2006), autoria está na qualidade e quantidade de interações, na expressão e confrontação, na co-autoria, na co-criação.

O que se posta na internet é sempre um texto aberto e discutível, fomentando o que Demo (2010) denomina de autorias cooperativas, quando o autor pode construir publicamente sua autoria, expressando com liberdade a sua opinião, dando a chance aos leitores de tecer seus comentários e críticas. “Na web 2.0, a internet monta plataformas que fomentam autorias: para utilizá-las é indispensável criar textos próprios que são, ademais, provisórios e podem ser comentados/mudados” (Demo, 2010 p.13). Neste contexto a noção de autor como criador originário é deslocada, pois há “o nascimento do leitor como sujeito engajado, com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover o seu protagonismo” (Rojo, 2013, p.84). Surge a ideia do leitor como coautor, dada a escrita colaborativa, a remixagem e a circulação em rede de diferentes textos.

Daí aproximam-se autoria e cooperação. Isto é, a aprendizagem seria um exercício de autoria e cooperação, onde professores e alunos aprendem trabalhando em conjunto, colaborando e cooperando uns com os outros através da interação, o que é potencializado principalmente pelas redes sociais. Nesta perspectiva, a autoria é construída na cooperação, no coletivo, na troca, no diálogo, na participação conjunta, porque a aprendizagem é um processo de construção do discente que elabora os saberes através das interações com os outros. Nesta interação, segundo Silva (2006), o aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, mas cria, modifica, constrói, aumenta, torna-se coautor.

Para existir cooperação, na opinião de Belloni e Gomes (2008), deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas, um compromisso com a realização de um projeto que é coletivo. Cooperação implica em compartilhar conhecimentos, possibilitando a contribuição individual para a construção coletiva. Neste contexto, para Silva (2000), a questão do consenso é fundamental, uma vez que o grupo necessita acordar sobre a forma de registro de suas ideias, sejam elas divergentes ou não.

Neste contexto, a comunidade escolar é desafiada a planejar atividades de aprendizagens que incentivem a autoria e a cooperação, catalisando a criatividade e espontaneidade que os jovens manifestam naturalmente no espaço virtual, para o ambiente da sala de aula. Mas como promover a cooperação e a autoria na escola? E, principalmente, como as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais na *web 2.0*, podem contribuir para o desenvolvimento destas habilidades?

No enfrentamento deste desafio, uma intervenção foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2015, na escola estadual de Educação Básica Bertino Silva, de

aproximadamente 392 alunos, do qual 176 alunos estavam no Ensino Médio, localizada no município de Leoberto Leal, Santa Catarina, Brasil. Consistiu na organização de um grupo fechado no perfil de um professor no Facebook, onde 37 formandos do ensino médio, e 06 professores de diferentes disciplinas (Matemática, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Filosofia e História), foram cadastrados, com a finalidade de estudar para as provas do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. O grupo de estudos virtual contou ainda com a participação de 19 (dezenove) estudantes de outra escola, EEB Prefeito Frederico Probst, do município de Petrolândia – SC, que juntamente com colegas e professores puderam interagir, pesquisar e compartilhar conhecimento, criando vídeos, textos, analisando charges, gráficos, notícias, utilizando diferentes gêneros discursivos e contextos educacionais, argumentando, criticando e debatendo.

Esta intervenção trouxe outros tantos desafios, desta vez para a pesquisa. Com o objetivo de realizar uma pesquisa qualitativa da própria intervenção, nos deparamos com algumas questões, entre elas: como mapear uma conversa ou publicação no Facebook? Como identificar que houve autoria e cooperação? A partir desta problemática, elaboramos uma metodologia, um modelo de investigação para a análise das categorias autoria e cooperação nas interações realizadas nas redes sociais.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DO FACEBOOK NA EDUCAÇÃO

A integração das redes sociais no ensino é um cenário potencial de transformação, que, no entanto, ainda carece de investigação. Nosso estudo está alocado no desafio da complexidade da pesquisa nas redes sociais, ora pela grande quantidade de dados, ora pela busca de métodos e técnicas de investigação qualitativa, ora pela carência de casos de estudo (Cunha & Lapa, 2016).

Trata de uma metodologia de pesquisa qualitativa das redes sociais no uso dado por alunos e professores no contexto escolar de ensino formal e presencial e consiste em um método de investigação cuja finalidade é investigar a presença de autoria e cooperação na produção e publicação de conteúdos no ambiente virtual. Divide-se em três principais etapas: 1. Elaboração de instrumento de análise; 2. Identificação de autoria e cooperação; 3. Análise de dados e seleção de fatores e circunstâncias.

A partir do referencial teórico de Silva (2006) e Belloni e Gomes (2008) tomamos os conceitos de autoria e cooperação e os assumimos como categorias analíticas. O instrumento seleciona e define indicadores de investigação para cada uma delas e cria métricas para a sua identificação nas trocas comunicativas entre alunos e professores no grupo fechado criado no Facebook. Uma análise de conteúdo destas ocorrências será realizada com vistas a encontrar fatores e circunstâncias que podem promover a existência destas categorias, autoria e cooperação.

Os indicadores se referem às características, referências e atitudes necessárias para que haja a presença das categorias no contexto da conversa. Enquanto que as métricas têm a finalidade de demonstrar como os indicadores podem ser encontrados na prática. As

métricas não têm a intenção de medir, mas elencar evidências da ocorrência de fatores e circunstâncias (Cunha & Lapa, 2016).

Com o propósito de mapear atitudes de autoria, a partir do conceito de Silva (2006), (conforme Tabela 1), os indicadores são as lentes do pesquisador para observar se o estudante conseguiu apreender, compreender e produzir conteúdo.

TABELA 1 - CATEGORIA ANALÍTICA: AUTORIA

| Categorias | Indicadores | Métricas | |
|------------|------------------------|-------------------------------------|----|
| Autoria | Compreensão/ Apreensão | Questiona conteúdo para compreensão | Q |
| | | Sintetiza, Conclui | S |
| | | Contextualiza | C |
| | | Avalia com Justificativas | AV |
| | Produção | Questiona/Problematiza (É mesmo?) | P |
| | | Opina com Argumentação | O |
| | | Criação de Algo Novo | N |

Segundo Demo (2010), as tecnologias não são para dar aula, reproduzir, expor, mas exercitar autoria do estudante e professor. A mensagem da Web 2.0 é geração de conteúdo próprio. Nesta perspectiva, para a análise de dados, partimos de pressupostos para uma formação para a autoria, que se inicia a partir da compreensão e apreensão de conteúdos, através de atitudes ou habilidades como Questiona: perguntar para compreender; Sintetiza: identificar as principais ideias; Contextualiza: aplicar o conteúdo ao próprio contexto; Avalia: elogiar e sugerir. Passando para uma segunda etapa que é a produção de conteúdos, quando se espera a atitude de problematizar: provocar reflexão; Opina com Argumentação: expor pontos de vista com fundamentação; Criação de Algo Novo: amplia o seu repertório a partir da 1ª ideia, cria algo diferente, algo a mais. A título de exemplo para a utilização do instrumento, selecionamos um excerto da conversação no Facebook sobre o *post* de uma crônica que relata a "Pedofilia e a Redução da Maioridade Penal". O texto apresenta dois homens expondo a sua indignação com um comentário de um amigo, por ter declarado que não pode prender um indivíduo menor de idade. Defendem a redução da maioridade penal como forma de o Estado proteger os seus filhos. Em seguida, passam a comentar sobre compartilhar vídeos sexuais envolvendo meninas menores de idade.

A1: "Muito boa a crônica, recomendo, vale a pena tirar alguns minutinhos para ler (AV). Me chamou a atenção em um ponto: que muitas vítimas têm menos de 18 anos de idade e que os vídeos muitas vezes são compartilhados quando é o filho do pobre que apronta (S).

A2: Vale a pena ler!! De que adianta os "tiozões" defenderem a redução da maioridade penal que protegerá seus queridos filhos, enquanto discutem despudoradamente sobre vídeos de violência sexual e quebra de privacidade dos filhos dos outros? (P)

A3: (O) Penso que a cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica. Um dos problemas do homem é que é mais fácil enxergar o erro alheio do que o próprio!

Pornografia da “novinha” na concepção esdrúxula não seria crime e errado, mas a maioria penal deveria ser instituída visando os “jovens estupradores. Hipocrisia que insiste em nos reodear.

O Aluno 1 avalia criticamente (AV) quando elogia a crônica e sugere recomendando, convidando seus colegas para a leitura: “[...] vale a pena tirar alguns minutinhos para ler”. No mesmo comentário podemos identificar ainda o indicador sintetiza (S), quando o estudante chama a atenção para um aspecto específico: “[...] que muitas vítimas têm menos de 18 anos de idade” e apresenta o seu entendimento, quando conclui “[...] que os vídeos são compartilhados quando é o filho do pobre que apronta”. Na participação da Aluna 2 identificamos o indicador “Problematiza” (P), quando contribui problematizando e provocando reflexão sobre a contradição de defender a maioria penal e compartilhar vídeos pornográficos com participação de meninas menores de idade. E o Aluno 3 “Opina com Argumentação” (O) quando defende a ideia que “a cultura de preconceito se mostrou muito nítida na crônica e a hipocrisia insiste e nos rodear”, justificando na atitude de criminalizar jovens estupradores ao mesmo tempo que consome pornografia infantil.

É importante ressaltar que temas polêmicos e da atualidade despertam os alunos a questionar, emitir opiniões de forma criativa, expondo diferentes pontos de vista. Para Demo (2010), o que sustenta um texto não é alguma autoridade, mas sua elaboração tão bem fundamentada, a ponto de merecer atenção dos outros e mesmo o convencimento. Os comentários não devem ser generalizados sem aprofundamento das questões, mas buscar razões para justificar suas próprias crenças e a interpretação é rapidamente discutido na rede, onde há o registro memorial de todas as participações. Portanto, o excerto apresenta uma autoria em formação, por demonstrar indicadores de apreensão e compreensão, demonstradas por habilidades adquiridas como: problematizar, sintetizar e avaliar. Ensaando uma tentativa de produção, quando opina com argumentação.

O próximo instrumento, demonstrado na Tabela 2, tem o objetivo de apresentar indicadores e métricas capazes de analisar e categorizar nas conversações e publicações, atitudes de Cooperação, que segundo Belloni e Gomes (2008), consiste na presença de interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas. A atitude de escolher visualizar, curtir e comentar um *post* e não outro pode caracterizar uma ação de autoria, que se configura como participar, modificar e agir. Por outro lado, a mesma atitude pode se caracterizar como cooperação quando aluno e professor como membros da equipe de trabalho e do grupo de estudos no Facebook contribui com a sua participação individual na execução da tarefa proposta.

TABELA 2 - CATEGORIA ANALÍTICA: COOPERAÇÃO

| Categorias | Indicadores | Métricas | |
|-------------------|--------------------|-------------------------|----|
| | Reciprocidade | Menção nominal, convida | M |
| | | Saudações | SA |
| | | Perguntas e respostas | PR |

| | | | |
|-------------------|--------------------------------------|--|----|
| Cooperação | Troca de Informações | Compartilhamento de recurso ou informações | CI |
| | Participação de professores e alunos | Iniciativa do aluno | I |
| | | Acolhimento do professor à iniciativa do aluno | AP |
| | Entendimento comum | Construção coletiva de sentido | CC |

Para mapear a Reciprocidade nas atitudes de interação, colaboração, objetivos comuns e atividades conjuntas e coordenadas, selecionamos métricas como: boas vindas, principalmente na interação e saudações entre alunos de escolas e/ou turmas diferentes; Menção nominal: marcar o nome do colega, provocando maior visibilidade nas publicações e participações nos debates; A Reciprocidade para Recuero (2014) é a persistência da conversação entre par de atores e suas inter-relações; Troca de Informações: está no compartilhamento de recurso ou informações; Participação entre Professores e Alunos: a possibilidade de identificar algumas intervenções de professores, comentando e esclarecendo postagens ou/e questionamentos dos estudantes; O Entendimento Comum: está na construção coletiva de sentidos, isto é, demonstrar mais do que troca de informações, sinais que um aprendeu com o outro, chegando a um produto final coletivo. Vamos analisar uma participação sobre o post “Felicidade nas Redes Sociais”:

Prof.1 AÍ TURMA! Só dois minutinhos do seu tempo para assistir este vídeo. E convido a vocês a comentarem. Concordam ou discordam? e por aí vai.kkkkkkk. (PR)

A1.Que legal o vídeo. Retrata bem o quanto as pessoas querem parecer felizes nas redes sociais. E o quanto essa felicidade é momentânea, e não um estado de espírito, ou seja muitas vezes esses lindos sorrisos que vimos são apenas fachada. (PR)

Prof 3. Geralmente acontece desta forma, ou seja, a felicidade que vemos nas redes sociais acontece mesmo? Todos postam, vamos mostrar felicidade também, uhu! Pensem no que estamos mostrando nas redes, muitas vezes trata-se de uma felicidade artificial. (CI)

Identificamos Reciprocidade na interação entre professores e alunos através da pergunta (PR) e provocação do Prof.1, e quando o Aluno 1 prontamente responde ao convite do professor para assistir o vídeo, compartilhando a sua avaliação e opinião sobre o tema proposto. Houve, portanto uma persistência da conversação entre par de atores, nas perguntas e respostas (PR), e colaboração entre os integrantes do grupo. É possível encontrar ainda o Compartilhamento de Informações (CI), quando o Prof.3 acrescenta uma nova ideia e questiona: “[...] a felicidade que vemos nas redes sociais acontece mesmo? [...]” provocando um debate entre os alunos e também nas contribuições dos Aluno 1 e Professor 1.

É relevante destacar as intervenções de professores, com caráter informal e descontraído, no intuito de motivar e atrair a atenção e participação dos estudantes. Uma estratégia que possibilita a produção coletiva do grupo, partindo das ideias e posicionamentos individuais e confronto de opiniões. Demo (2010) chama de autoria cooperativa, quando o autor pode construir publicamente sua autoria, expressando com liberdade a sua opinião, dando a chance aos leitores de tecer seus comentários e críticas. Aluno e professor como membros da

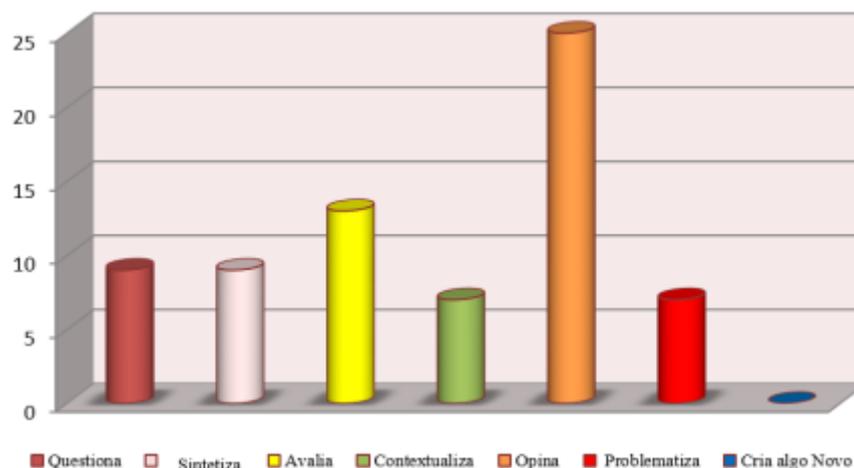
equipe de trabalho e do grupo de estudos no Facebook contribuem com a sua participação individual na execução da tarefa proposta.

Estudantes podem ter demonstrado autoria quando a partir de sua participação, acrescentaram conhecimento no trabalho dos colegas, possibilitando um contexto de reflexão e análise crítica sobre o tema abordado. Interagir com os colegas, compartilhar dicas de temas de redações no universo competitivo e seletivo do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) pode ser indicador de um projeto comum, de cooperação.

ALGUNS RESULTADOS

No grupo do Facebook, alunos e professores de diferentes disciplinas curriculares publicaram e produziram conteúdos com a finalidade de estudar para o exame do ensino médio.

GRÁFICO 1 - A IDENTIFICAÇÃO DA AUTORIA



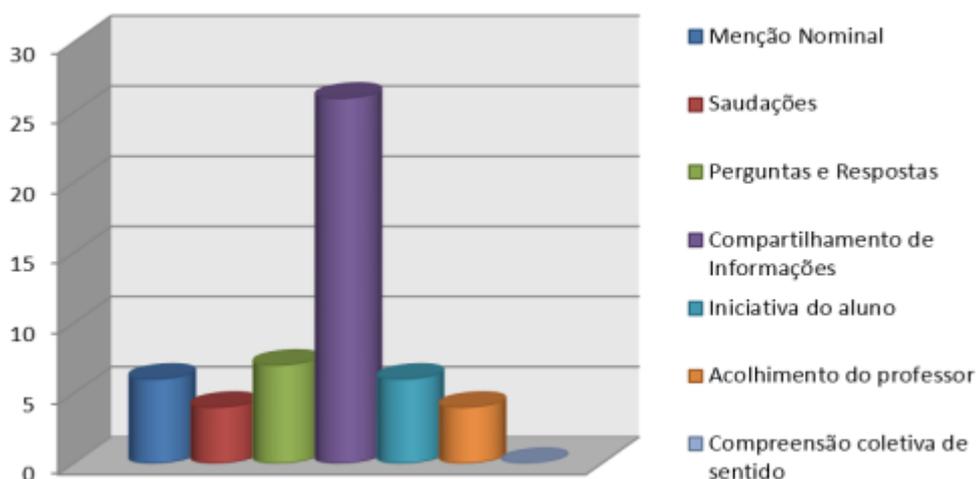
Foi coletado para análise o total de 82 publicações, distribuídos entre vídeos, *links*, textos, simulados, entre outros. Dentre as 306 participações, categorizamos 106 comentários de maior qualidade (argumentações e justificativas), conforme instrumento de investigação, a partir dos seus indicadores e métricas. Isto é, buscamos analisar as participações e interações através dos comentários registrados.

O Gráfico 1 apresenta o número de comentários tabulados e selecionados a partir do instrumento de análise apresentado na Tabela 1. As métricas Problematiza e Contextualiza foram encontrados em 7 comentários, enquanto que Questiona e Sintetiza apareceram em 9 comentários. O destaque está em Opina, identificada em 25 participações, e a métrica Avalia aparece em 13 comentários, enquanto que Cria algo Novo não é encontrado em nenhum comentário ou postagem.

Embora não seja o objetivo final, a formulação de opinião é um passo importante e imprescindível, pois é preciso reconhecer criticamente as determinações postas, analisá-las em suas condições, para pensar alternativas para elas. É o ponto de partida para a criação de algo novo, e que pode e deve ser valorizada pelo professor desde que reconhecida por todos como uma etapa de um processo mais longo, a ser continuado, até a inovação de fato.

Considerando que criar algo novo não se refira somente ao inédito e original, as publicações no grupo de estudos do Facebook, em sua maioria, não representaram ressignificações de conteúdos ou criação de algo diferente. Os vídeos elaborados pelos alunos, por exemplo, reproduziam enunciados e resoluções de questões de provas sem a devida reflexão, contextualização, demonstrando pouca compreensão e apreensão dos conteúdos.

GRÁFICO 2 - A IDENTIFICAÇÃO DA COOPERAÇÃO



Observamos que a Reciprocidade, caracterizada pelas métricas Menção Nominal, Saudações e Perguntas e Respostas, critério fundamental para a cooperação, demonstra a presença de poucas interações e diálogos entre os pares: entre 5 a 7 participações. Enquanto que o compartilhamento de recursos ou informações é identificado em 26 comentários, o que se refere às contribuições relevantes de professores e alunos que acrescentam conteúdos para o debate e contribuem para uma aprendizagem cooperativa referente ao tema estudado.

A partir da consulta ao nosso instrumento de análise e a leitura do Gráfico 2, constatamos que outros indicadores importantes de Cooperação são: a) Troca de informações (cuja métrica é o Compartilhamento de recursos ou informações); b) Participação de Professores e Alunos (com as métricas Iniciativa do aluno - identificada em 6 comentários; e Acolhimento do professor à iniciativa do aluno, em 4 comentários); e c) Entendimento Comum, (que tem a única métrica na Compreensão coletiva de sentido - que não foi encontrada nas participações).

A partir do entendimento de que estudar para o ENEM foi o objetivo e o projeto comum da escola, dos professores e dos alunos, o indicador Entendimento Comum seria o consenso necessário para superar diversidades, diferenças individuais, neste contexto competitivo para, em nome deste projeto comum, unir forças e colaborar para construir coletivamente sentidos para uma união, harmonia e parceria. Por outro lado, os estudantes destacam em seus depoimentos a importância dos trabalhos em grupo e o compartilhamento de informações na rede como estratégias pedagógicas positivas: ajudando-se mutuamente, a ouvir e aprender com o outro, trabalhar em equipe, dividir tarefas e facilitar aos colegas entender melhor.

Apesar da ação de intervenção realizada não pressupor a formação da autoria e cooperação durante três meses de aplicação, buscou-se, sim, identificar os espaços de possibilidade. Porém elencamos, a partir de depoimentos de professores e alunos e suas trocas comunicativas no grupo de estudos *on-line*, algumas dificuldades que condicionaram a sua ocorrência.

TABELA 3 - FATORES E CIRCUNSTÂNCIAS DE AUTORIA

| Fatores e Circunstâncias | Onde |
|--|--|
| A lógica da explicação e reprodução | - Elaboração de vídeos que destacam a reprodução de conteúdos. |
| A pedagogização do Facebook | - Excesso de atividades, pouco tempo e pressão dos professores. |
| Comentários generalizados e sem fundamento | - Poucos alunos comentaram e acrescentaram conhecimento. |
| Atividade de copiar e colar | - A postagem de <i>links</i> prontos sem questionamentos. |
| O efeito dispersivo do Facebook | - A forma desinteressante de abordagem dos conteúdos e na forma tradicional de se comunicar. |

Os estudantes demonstraram ter dado passos importantes para o protagonismo na cultura digital, houve reflexão crítica sobre os conteúdos postados, porém a maioria dos estudantes ainda não atingiu o grau de plena autoria ao produzirem e compartilharem algo novo ou a criação inovadora de conteúdos. Este é um passo reconhecidamente difícil, mas que deveria permanecer no horizonte de todos, de modo a que não se deixe de promover as ações que venham criar as condições favoráveis para o desenvolvimento da plenitude da autoria.

A pesquisa demonstrou que utilizar as redes sociais conservando a lógica conteudista e reprodutivista do livro didático, reduzindo o aluno a olhar, ouvir, copiar e prestar contas, não dará conta de formar sujeitos críticos imersos na cultura digital. São visíveis, portanto, as dificuldades de perceber que as mudanças na educação não estão em pedagogizar um artefato tecnológico, mas na forma de abordagem dos conteúdos e na comunicação na sala de

aula. O que essa prática tem diferente das práticas tradicionais, além do Facebook? A intervenção demonstrou o modelo de o professor ensinar o que os alunos devem reproduzir. Mudar os meios não muda a concepção de ensino e aprendizagem, precisamos repensar as práticas pedagógicas, isto inclui repensar a escola. Enquanto não conseguirmos dar um significado para a tecnologia ela não integrará as nossas práticas.

Tínhamos um objetivo comum, que era estudar para os exames, que necessitava de colaboração e cooperação. Porém, fatores e circunstâncias identificados na análise dos dados condicionaram e dificultaram a sua ocorrência.

TABELA 4 - FATORES E CIRCUNSTÂNCIAS DE COOPERAÇÃO

| Fatores e Circunstâncias | Onde |
|---|--|
| Falta de engajamento no alcance dos objetivos | - Pouca participação e interação agravados pela falta de compromisso e interesse. |
| O conflito de interesses | - Dificuldade de aceitar críticas e opiniões contrárias; rivalidade entre turmas e escolas; o contexto competitivo do ENEM; eleições para diretor de escola. |
| Falta de comprometimento com a equipe | - A maioria das atividades ficava para um integrante da equipe. |
| Planejamento coletivo | - Falta de reuniões de avaliação e planejamento. |

A expectativa era de que a intervenção pudesse demonstrar maiores participações, culminando em atitudes de cooperação através na compreensão coletiva de sentido. Como, por exemplo, maior engajamento e interação entre os envolvidos, que culminasse na negociação das compreensões individuais em prol de uma que seja comum, compartilhada no grupo. Foi possível identificar alguma colaboração no Facebook quando alunos e professores contribuíram publicando e comentando um *post*, trocando informações e opiniões. Porém, a cooperação vai além de colaborar, se manifesta em ações conjuntas e coordenadas, motivadas por um consenso em nome de um projeto coletivo.

As dificuldades e os limites da pesquisa estão na tentativa além de identificar, mas propor critérios para a formação crítica de sujeitos imersos no cenário de distrações concentradas, grande número de informações segmentadas e discursos polarizados. Uma formação que supere o copiar/colar de conteúdos sem a devida reflexão. Ser autor e cooperar parece ser urgente na conjuntura da contemporaneidade. É preciso, entretanto, ir mais além. Como as conversações *on-line* nas redes sociais podem impactar o diálogo e o processo ensino e aprendizagem em sala de aula? Novos estudos poderão partir daqui para compreender questões importantes na sociedade digital e em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou o modelo de investigação para identificar os conceitos de autoria e cooperação, como elementos determinantes para a formação de cidadãos críticos. Mostrou-se capaz de contribuir para o campo da educação, especialmente quanto à pesquisa da internet e a formação de professores para a apropriação crítica de tecnologias digitais. Foi elaborado no contexto de uma pesquisa-ação e visa oferecer subsídios à comunidade escolar, através de um mapeamento das participações dos alunos e professores na rede, com a finalidade de impactar os sujeitos, influenciar e provocar brechas de possibilidades de mudanças no “chão” da escola.

A intervenção mostrou ganhos positivos quando desestabilizou a rotina escolar, trazendo elementos para questionamentos e avaliações, como: o deslocamento do professor da zona de conforto; a necessidade de novas estratégias de atividades e abordagens (de conteúdos disciplinares e de comunicação); superar a condição de expectador para protagonista; novas perspectivas em relação ao uso das tecnologias em sala de aula; reflexão da prática docente; o tempo e a desterritorialização do espaço escolar; o trabalho e o planejamento em equipe; a relação motivação / dispersão/ obrigação.

As redes sociais por si só não podem fazer refletir, mas abrem um importante caminho para a ampliação do universo da sala de aula, estimulando alunos e professores a tornarem-se produtores e não apenas reprodutores de conteúdo. É possível, portanto identificar uma visão menos instrumentalista e mais crítica, apresentando algo a mais do que a simples utilização pedagógica das tecnologias, uma mudança de postura do fazer pedagógico independente do uso das TIC.

Sugestões para novas intervenções e pesquisas podem ser apresentadas. Por exemplo: produções de vídeos que superem a reprodução e transmissão de conteúdos existentes, mas que produzam novos a partir de pesquisas, como a produção de vídeo sobre um evento histórico na cidade. A criação de *memes* e charges, como novas narrativas da realidade contemporânea; a elaboração de paródias, poesias, clipes e músicas como forma de manifestar interpretações do cotidiano e denunciar injustiças; a criação de uma página no Facebook para campanha contra a corrupção; a organização de uma *web* rádio para divulgação de eventos do grêmio estudantil; o desenvolvimento de um museu virtual na *Web*; a construção coletiva de textos na ferramenta *wiki*; uma olimpíada do conhecimento, entre outros.

Inferimos que os estudantes querem participar, mas não como os professores esperam. Eles sabem o que querem, mas esta participação não é considerada como “adequada” pela escola. O professor cria a ambiência para a existência de fatores e circunstâncias favoráveis à autoria e cooperação, direcionando as atividades com viés crítico de apropriação.

REFERÊNCIAS

Belloni, M. L. (2001). *O que é Mídia – Educação. Polêmicas de nosso tempo*. Campinas: Autores Associados.

- Belloni, M. L. & Gomes, N. G. (out. 2008) *Infância, mídias e aprendizagem: Autodíxia e Colaboração*. Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, 717-746. Acedido em 25 de julho de 2015 de <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>>.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (2013). *Manuel Castells analisa as manifestações civis brasileiras. Fronteiras do Pensamento*. Acedido em 20 julho, 2016 de <http://www.fronteiras.com/artigos/manuel-castells-analisa-as-manifestacoes-civis-brasileiras>.
- Cunha, A. A. & Lapa, A. B. (2016). *Uma Proposta de Investigação da Autoria e Cooperação no uso educativo das Redes Sociais*. Atas CIAIQ2016, Investigação Qualitativa em Educação. Acedido em 08 de Nov. de 2016 de <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/631>.
- Demo, P. (2010). *A força sem força do melhor argumento: ensaio sobre "novas epistemologias virtuais"* [PDF]. Brasília: Ibict. Acedido em 27 de julho de 2015 de <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/959/1/For%C3%A7a%20sem%20for%C3%A7a.pdf>.
- Fantin, M. & Rivoltella, P. C. (Jun.2010). *Crianças na Era Digital: Desafios da Comunicação e da Educação*. REU, Sorocaba, v. 36, n. 1, p.89-104. Acedido em 15 out. de 2015 de <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=CRIAN%C3%87AS+NA+ERA+DIGITAL%3A+DESAFIOS+DA+COMUNICA%C3%87%C3%83O+E+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O&btnG=&lr=>>>.
- Freire, P. (1980). *Educação como prática da Liberdade*. (11. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jenkins, H., Green, J. & Ford, S. (2014). *Cultura da conexão – criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Editora Aleph.
- Mendes Junior, W. L. M. (2010). *O Sujeito – arquiautor: conflitos do discurso urbano e midiático*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora.
- Moran, J. M. (2007). *A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá*. São Paulo: Papirus.
- Morin, E. (2010). *A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Rio de Janeiro: Brasikl.
- Recuero, R. (2014). *A conversa em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Rojo, R. & Moura, E. (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Rojo, R. (2013). *Escola Conectada: os Multiletramentos e as TICS*. São Paulo: Parábola.
- Rüdiger, F. (2011). *As teorias da cibercultura, perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Silva, M. (2000). *Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da comunicação*. Acedido em 17 de out. de 2015 de <http://www.senac.br/informativo/bts/263/boltec263c.htm>.
- Silva, M. (2006). *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Zuin, A.S. (2013). Copiar, colar e deletar: a Internet e a atualidade da semiformação. *Pro-Posições*, v. 24, n. 3 (72), 139-159. Acedido em 10 maio 2016 de <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/09.pdf>>.